

Formação Musical: uma experiência com educadores da rede pública municipal de Jundiaí.	Jaqueline Ribeiro.
--	--------------------

FORMAÇÃO MUSICAL: UMA EXPERIÊNCIA COM EDUCADORES DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ¹

JAQUELINE RIBEIRO²

RESUMO

O presente Artigo compartilha a experiência da formação Lá Si Fa_z Música, realizada com educadores da Prefeitura Municipal de Jundiaí, no intuito de contribuir para as reflexões da formação continuada visando ao trabalho musical nas Escolas de Educação Infantil da Rede Pública de Ensino. Primeiramente, é apresentado o contexto em que surge a formação e o detalhamento da abrangência do Projeto; posteriormente, é descrita a estrutura da formação, especificando cada um dos momentos da atuação da formadora e, na sequência, é apresentado o processo de avaliação empregado e analisadas as perspectivas dos educadores e dos formadores sobre o processo de formação.

Palavras chave: Projeto Lá Si Fa_z Música; Educação Musical; Formação de professores.

ABSTRACT

This article shares the experience of Lá Si Fa_z Música Training, performed with City Hall of Jundiaí educators, in order to contribute to the reflections of continuing education for the musical work in Schools of Children's Education Public Network Schools. Firstly, the context in which the formation and detailing of the scope of the Project is presented; later, the structure of the formation is described, specifying each one of the moments of the trainer's performance and, in the sequence, the evaluation process is presented and the perspectives of the educators and trainers about the formation process are analyzed.

Keywords: Projeto Lá Si Fa_z Música; Music education; Teacher Training.

¹ Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Música da Faculdade Integrada Cantareira em cumprimento parcial às exigências para obtenção de título de Licenciada em Música.

² Pedagoga, pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Especialista em Educação Infantil. Graduada em Música (Licenciatura) e pós-graduada em Educação Musical pela Faculdade Cantareira. Experiência na rede pública municipal de Jundiaí como professora, coordenadora pedagógica e diretora de escola. Criadora e formadora do Projeto Lá Si Faz Música.

Formação Musical: uma experiência com educadores da rede pública municipal de Jundiaí.	Jaqueline Ribeiro.
--	--------------------

INTRODUÇÃO

Em 2011, a Gestão de Educação do Município de Jundiaí refletia sobre caminhos na busca da qualidade de ensino para as Escolas Públicas Municipais.

Especificamente no segmento da Educação Infantil, estabeleceu-se convênio com escolas de Reggio-Emilia, na Itália, pensando na formação dos educadores para que, dialogando com a realidade brasileira, fossem construídas possibilidades de trabalho.

O sistema de Reggio é descrito no livro **As cem Linguagens da criança** (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999) como uma coleção de Escolas para crianças pequenas nas quais são estimulados os potenciais: intelectual, emocional, social e moral de cada criança. De fato, a busca era por uma formação integral. Nesse sentido, o trabalho com Música seria forte aliado para o desenvolvimento dessas potencialidades.

Foi nesse cenário que surgiu o Projeto *La Si Fa_z Música*. O foco do trabalho era sensibilizar e orientar os educadores sobre o fazer e a apreciação musical no espaço escolar para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da autoestima, do autoconhecimento e da integração social das crianças, bem como de todos os envolvidos nesse ambiente.

O convite para criar e coordenar um Projeto de formação surgiu, primeiramente, porque eu já pertencia ao quadro de professores estatutários do município e conhecia bem a estrutura; outro fator determinante foi o fato de que, em sala de aula, sempre desenvolvia trabalhos musicais com o olhar para criação, escuta e desenvolvimento da expressão; por fim, em 2010, havia atuado em

Formação Musical: uma experiência com educadores da rede pública municipal de Jundiaí.	Jaqueline Ribeiro.
--	--------------------

direção escolar e as propostas musicais ganharam espaço no âmbito da escola e visibilidade, saindo do espaço da sala de aula.

Nos anos de duração do Projeto, eu cursava Especialização em Educação Infantil e também pós em Educação Musical. Além do papel de formadora e coordenadora do Projeto de Música, também efetuava uma pesquisa de campo, assumindo o papel de pesquisadora; portanto, os momentos de reflexão sobre as formações contavam com pauta de observação como pesquisadora e também observações como formadora do Projeto.

Neste Artigo, os registros sobre esses dois pontos de vista se completarão para discorrer acerca do processo de formação dos professores.

Minha parceira de trabalho foi a pianista Dulce Mara Bassoli Jacomasso de Oliveira, também professora estatutária da Rede Municipal de Jundiaí, convidada igualmente por seus trabalhos musicais realizados no âmbito da Escola em que lecionava.

Para avançar na exposição do que seria o Projeto, tornou-se necessário contextualizar o que existia nas Escolas quando o assunto era Música.

Em mapeamento realizado pelas coordenadoras/formadoras Dulce e Jaqueline, constatou-se que as Escolas de Educação Infantil do Município, em sua maioria, não se caracterizavam como espaços propulsores do desenvolvimento musical.

Formação Musical: uma experiência com educadores da rede pública municipal de Jundiá.	Jaqueline Ribeiro.
---	--------------------

De forma geral, a Música existia como “pano de fundo” para outras atividades, sem a consistência de uma área específica de atuação, na qual existem conteúdos, objetivos e a necessidade de planejamento para atingir bons resultados, ao pensar na musicalidade e no desenvolvimento da expressão.

Também não havia profissionais da Música para desenvolver o trabalho. Primeiramente, porque para inserir esse profissional na Rede Pública seria necessário criar o cargo e efetuar concurso; a segunda razão é que, dentre os profissionais da Educação, poucos possuíam qualificação em Música.

Diversas discussões acerca da implementação da Lei 11.769/2008³ admitem que não há professores com formação específica em número e com disponibilidade suficiente para atender a demanda pela Educação Musical em todas as escolas de Educação Básica do país.

Marisa Fonterrada (2005) aponta possibilidades para a resolução provisória desse problema:

[...] é preciso resgatar o professor que, mesmo não sendo músico, goste de Música e a traga para dentro da escola. Esse é um bom começo e pode servir de preparação a um tempo posterior em que haverá professores habilitados em Música em todas as escolas (FONTERRADA, 2005, p. 255).

³ Lei 11.769/2008, em seu Artigo 26, traz a obrigatoriedade do Ensino de música no currículo da escola regular. A redação do Projeto de Lei constava de três propostas: a música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular Arte; o ensino da música será ministrado por professores com formação específica na área; os sistemas de ensino terão três anos letivos para se adaptarem às exigências estabelecidas (BRASIL, 2008a).

Formação Musical: uma experiência com educadores da rede pública municipal de Jundiaí.	Jaqueline Ribeiro.
--	--------------------

Surge como uma das opções para atender à demanda, e que não invalida o disposto na Lei 11.769/2008 em decorrência do veto⁴, a presença do professor polivalente, também chamado generalista.

No cenário nacional, observa-se que alguns municípios deixaram a cargo do professor de Arte essa incumbência; em outros, quem assume é o Pedagogo, principalmente, na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Em ambos os casos, a ausência ou a formação superficial é o grande dificultador, pois leva a equívocos sobre a real função da Música no espaço escolar:

Ainda percebemos fortes resquícios de uma concepção de ensino que utilizou a Música – ou, melhor dizendo, a canção – como suporte para a aquisição de conhecimentos gerais, para a formação de hábitos e atitudes, disciplina, condicionamentos de rotina, comemorações de datas diversas etc. (BRITO, 2003, p. 51).

Assim, optou-se por realizar formações em Jundiaí com os professores polivalentes e com Agentes de Desenvolvimento Infantil (ADI), escolha amparada na Resolução CNE/CEB nº 7, de 14 de dezembro de 2010, que traz o Professor de Referência como uma das possibilidades de profissional para lecionar Música.

Apresentado o contexto em que surgiu e se estruturou o Projeto, faz-se necessário destacar que o objetivo deste Artigo é compartilhar uma experiência bem-sucedida de formação de professores polivalentes para atuar com Música.

O objeto de estudo é a formação continuada como mola propulsora para a transformação da prática em Música.

⁴ Veto: questiona a “formação específica na área”, mencionada na Lei 11.769/2008, ressaltando que a Música é uma prática social e que no Brasil existem diversos profissionais atuantes nessa área sem formação acadêmica ou oficial em música e que são reconhecidos nacionalmente.

Formação Musical: uma experiência com educadores da rede pública municipal de Jundiaí.	Jaqueline Ribeiro.
--	--------------------

Os documentos que subsidiam as análises deste artigo são: os Referencias Curriculares da Educação Infantil e a LDBEN, além de autores como Marisa Trench Oliveira Fonterrada, Beatriz Senoillari, Maura Penna, Neide Esperidião e Teca Alencar de Brito.

1 A FORMAÇÃO LÁ SI FAZ MÚSICA

A formação teve duração de dois anos e abrangia apenas professores e agentes de desenvolvimento infantil que atuavam com crianças de 0 a 3 anos de idade.

Atualmente, a Educação Infantil do município de Jundiaí é dividida em: Educação Infantil I, com crianças de 0 a 3 anos (período integral) e Educação Infantil II, com crianças de 4 e 5 anos (meio período).

Todavia, nos anos do Projeto, existiam algumas turmas de crianças de 3 anos em Escolas de meio período, juntamente com as de 4 e 5 anos.

Os professores de crianças com 4 e 5 anos de idade já possuíam outro material de apoio para o trabalho musical e por isso não foram atendidos no Projeto; contudo, os professores de Grupo 3 (G3)⁵ eram espontaneamente multiplicadores em suas Unidades escolares, juntamente com seus Coordenadores, que também participavam das formações.

⁵ G5 – Nomenclatura utilizada no município de Jundiaí para se referir às crianças com cinco anos de idade completados até o mês de março. A partir de seis anos, a criança ingressa no 1º ano do Ensino Fundamental. As demais nomenclaturas seguem o mesmo princípio: G4 – Grupo de crianças com 4 anos de idade; G3 – Crianças com três anos de idade; G2 – Grupo de crianças com 2 anos de idade ; G1 – Grupo de crianças com 1 ano de idade; Berçário – Crianças de 4 meses até um ano de idade.

Formação Musical: uma experiência com educadores da rede pública municipal de Jundiaí.	Jaqueline Ribeiro.
--	--------------------

A abrangência do Projeto foi diferenciada durante os dois anos de execução. Em 2011, o foco de formação para as Escolas de Educação Infantil I foram os Agentes de Desenvolvimento Infantil (ADI), que ficavam oito horas diárias de trabalho com as crianças; já na Educação Infantil II, foram os professores, pois nesse segmento não há ADI.

Em 2012, todos os professores da Educação Infantil I também passaram a receber formação, juntamente com os das ADIs. Surgiu o desejo de realizar o Projeto em parceria, a partir dos resultados presenciados no ano anterior.

Para as ADIs, em 2011, a formação era realizada *in loco*. As formadoras Dulce e Jaqueline se dirigiam separadamente para as Escolas uma vez por mês, dividindo as ADIs em duas turmas, para facilitar a organização junto às crianças (não poderiam sair todas de uma vez), e a formação durava uma hora e meia.

Em 2012, houve redução da carga horária de ADI em todo o município de Jundiaí, que passaram a fazer a formação juntamente com os professores, no Parque Comendador Antonio Carbonari.

Já para os professores, o agrupamento de Escolas era mais fácil, vez que todos os professores da Rede Municipal de Jundiaí têm cinco horas semanais destinadas à formação continuada, inclusas na carga horária de trabalho.

Assim, eles se dirigiam ao espaço de formação *Parque Comendador Antônio Carbonari*. A formação durava três horas, com frequência anual de quatro encontros.

A adesão da Escola ao Projeto era voluntária; em 2011, foram atendidas 51 Escolas, das quais 29 de Educação Infantil I e 22 de Educação Infantil II.

Formação Musical: uma experiência com educadores da rede pública municipal de Jundiaí.	Jaqueline Ribeiro.
--	--------------------

Em 2012, aderiram ao Projeto 56 escolas: 27 de Educação Infantil I e 29 Escolas de Educação Infantil II. Eram atendidos aproximadamente 700 profissionais da Educação, incluindo Coordenadores Pedagógicos das Escolas envolvidas.

Quanto à estrutura pedagógica, o processo de interação entre as formadoras e os educadores de Jundiaí, proporcionado pela formação continuada, constituiu o grande diferencial para a reflexão e as mudanças na prática do educador.

A partir da formação, oportunizou-se a tomada de consciência sobre as dificuldades e também o desafio de elaborar formas para enfrentá-las e resolvê-las.

1.1 A estrutura da Formação

As formações precisavam ser um misto de sensibilização e motivação para que os educadores desejassem conhecer mais acerca do assunto e desenvolvessem as propostas nas Escolas.

Todos os encontros de formação seguiam uma estrutura previamente definida pelas coordenadoras: acolhimento, texto de fundamentação, devolutiva do trabalho, aquecimento, oficina de experimentação, texto de apoio e avaliação. Cada um desses momentos será descrito a seguir.

Na etapa do **Acolhimento**, todas as cadeiras e acolchoados já estavam postos em seu devido lugar. Os professores eram recebidos com Música. Criava-se um ambiente de tranquilidade para que pudessem “desacelerar”, vez que já haviam trabalhado com crianças no contraturno.

Formação Musical: uma experiência com educadores da rede pública municipal de Jundiaí.	Jaqueline Ribeiro.
--	--------------------

Na sequência, após a acomodação de todos, era proposta uma apreciação musical de repertório clássico ou popular. Antes, de forma sucinta, apresentava-se o contexto da obra: nome, compositor e período histórico da composição. Após a escuta, as pessoas verbalizavam suas sensações.

O objetivo dessa etapa era nutrir esteticamente os professores e instigá-los a descobrir e compreender o que a Música lhes suscitava. O repertório compartilhado nesse momento não era do universo infantil.

O **Texto de fundamentação** era curto, com o intuito de compartilhar documentos e registros que fortalecessem a importância do trabalho musical.

Traziam informações sobre Leis que amparam o ensino de Música; orientações dos Referenciais Nacionais da Educação Infantil, especificando conteúdos, frequência das propostas e objetivos; estudos da Neurociência como os de Elvira Souza Lima⁶, que destacam o papel da Música para o desenvolvimento em vários aspectos e a complexidade humana; trechos de publicações de Beatriz Senoillari⁷, reforçando o papel ativo dos bebês na percepção e na criação dos sons e estudos e propostas musicais de Teca Alencar Brito⁸, encontradas no livro **Música na Educação Infantil**, entre outros.

⁶ Elvira Souza Lima é pesquisadora em desenvolvimento humano, com formação em Neurociências, Psicologia, Antropologia e Música. Trabalha com pesquisa aplicada às Áreas de Educação, Mídia e Cultura.

⁷ Beatriz Senoillari é pesquisadora em Educação Musical. Entre 2003-2010, foi professora adjunta de Educação Musical da Universidade Federal do Paraná. Desde maio de 2011, é professora de Educação Musical da *University of Southern California*. Tem experiência na área de Psicologia da Música, com ênfase em cognição e aprendizagem, atuando, principalmente, nos seguintes temas: música, cognição, aprendizagem e enculturação.

⁸ Teca Alencar Brito é Mestre e Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Estudou Educação Artística e piano, dedicando-se à Educação Musical desde 1974. Dirige as atividades da TECA – Oficina de Música em São Paulo, Escola voltada à formação musical de crianças, adolescentes e adultos. Produziu vários CDs que documentam seu trabalho como "Canto do povo

Formação Musical: uma experiência com educadores da rede pública municipal de Jundiaí.	Jaqueline Ribeiro.
--	--------------------

O diálogo entre teoria e prática é essencial no processo de formação: uma sustenta a outra. Não há como desenvolver um trabalho musical com crianças sem conhecer o modo como elas se expressam musicalmente:

Trazer a Música para o nosso ambiente de trabalho exige, prioritariamente, uma formação musical pessoal e também atenção e disposição para ouvir e observar o modo como bebês e crianças percebem e se expressam musicalmente em cada fase de seu desenvolvimento, sempre com o apoio de pesquisas e estudos teóricos que fundamentem o trabalho (BRITO, 2003, p. 35).

Na **Devolutiva**, com todos posicionados em círculo, era proposto que os professores verbalizassem as ações desenvolvidas no ambiente escolar.

Era o momento de compartilhar com o grupo as facilidades e as dificuldades encontradas para desenvolver as propostas musicais sugeridas na formação anterior.

Não se aplicava juízo de valor. O espaço era laboratório de possibilidades e trocas. À medida que os professores falavam, a formadora/pesquisadora registrava nas Tabelas de acompanhamento e no caderno de campo os pontos principais para, posteriormente, servirem de norteadores para a reflexão e o planejamento de novas formações e intervenções.

daqui" e "Cantos de vários cantos", publicou livros como: "Koellreutter educador – O humano como objetivo da Educação Musical" e "Música na Educação Infantil – Propostas para a formação integral da criança"; foi relatora do Documento de Música integrante do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, publicado pelo MEC, em 1998.

Formação Musical: uma experiência com educadores da rede pública municipal de Jundiáí.	Jaqueline Ribeiro.
--	--------------------

O **Aquecimento** consistia em preparar todo o corpo para o ato de cantar e fazer Música. Era proposto alongamento, ativação do corpo como um todo, das articulações, um despertar da atenção corporal. Na sequência, sensibilizávamos sobre a respiração.

Por meio de dinâmicas e movimento corporal, era incentivada a consciência da mobilização do diafragma e feito um aquecimento vocal. Para muitos dos participantes, essa experiência era algo novo; a maioria não tinha essa vivência e desacreditava que cantar fosse possível para todos.

Reynaldo Puebla⁹, em seu livro **Expressão cênica para o canto coral**, traz a integralidade entre corpo e canto. Em palestras e eventos, afirma que ao longo de sua experiência com coro cênico, aprendeu e descobriu muitas coisas e, dentre elas que, fundamentalmente, é preciso criar espaço para que cada indivíduo sintasse à vontade e não se sufoque pela autocrítica ou autocensura que atuam sem o nosso controle.

Gradativamente, é construída uma autoconfiança, e quando isso se instaura, há espaço para que a pessoa dê asas a sua imaginação criadora.

Relacionando o corpo à Música, Puebla destaca que quando se pergunta ao público qual o instrumento do cantor, sempre respondem: a voz!

⁹ Reynaldo Puebla é argentino, ator profissional em teatro. Diretor, ator de teatro adulto e infantil, filme e seriado. Diretor permanente do Laboratório Coral de Itajubá – MG, dirige diversos grupos e espetáculos no Brasil, além de Cursos e Seminários. Puebla desenvolve o chamado coro cênico. É importante destacar que não se trata de concertos performáticos. O trabalho ecoa muito além dos palcos, motiva a busca de identidade para oferecer ao coletivo e compor a totalidade.

Formação Musical: uma experiência com educadores da rede pública municipal de Jundiaí.	Jaqueline Ribeiro.
--	--------------------

Entretanto, se refletirmos, o som que emitimos é o resultado do instrumento. O que emite o som é nosso corpo. Logo, o instrumento do cantor é o corpo. Acrescido de outro elemento invisível: a emoção. “Ninguém pode ser obrigado a expressar as suas emoções. Mas pode ser encorajado para isso” (PUEBLA 2017, p. 25).

Na voz cantada, o canto é movimento. Não se pode emitir ação sem movimento. A maior comunicação do nosso corpo está no rosto, mas as mãos ampliam esta capacidade de expressão.

A partir disso, podemos verificar que um aquecimento precisa envolver o corpo como um todo, para o ato de cantar. A voz é nosso primeiro instrumento, que possibilita expressão e comunicação, desde o nascimento.

Com sons vocais, há vasta possibilidade de criação, desde sonorização de histórias, construção de paisagens sonoras, até outras construções mais elaboradas melodicamente. Era essa riqueza que se buscava nas ações do Projeto Lá Si Fa_z Música.

A **Oficina de Experimentação** referia-se especificamente às propostas de Educação Musical sugeridas para o trabalho dos professores no ambiente escolar. Eram oficinas porque possibilitavam a vivência das situações didáticas, não se limitando a sugestões escritas para aplicação.

Esclareciam-se dúvidas acerca da estruturação do *Momento musical* e refletia-se sobre o desenvolvimento de cada uma das etapas dele. O *Momento musical* era composto de: **acolhida, desenvolvimento e relaxamento**.

Formação Musical: uma experiência com educadores da rede pública municipal de Jundiaí.	Jaqueline Ribeiro.
--	--------------------

Na **acolhida**, a criança era apresentada ao momento musical, como uma marca de que explorações musicais se iniciariam. Era inserida uma canção que, geralmente, mencionava o nome da criança, ou que suscitava a atenção para as etapas subsequentes.

Nesta etapa, a importância do nome era muito frisada, porque, mais do que uma simples palavra, ele imprime identidade à pessoa. Todo trabalho pedagógico dessa faixa etária, na Prefeitura de Jundiaí, gira em torno do nome e da construção da identidade e da autonomia.

Após a Música inicial, vinham as propostas da etapa **desenvolvimento**. Exploravam-se aspectos do fazer musical.

Segundo os Referências Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, o fazer musical é composto por improvisação, composição e interpretação, que podem ser claramente diferenciados:

O fazer musical é uma forma de comunicação e expressão que acontece por meio da improvisação, da composição e da interpretação. Improvisar é criar instantaneamente, orientando-se por alguns critérios pré-definidos, mas com grande margem a realizações aleatórias, não determinadas. Compor é criar a partir de estruturas fixas e determinadas, e interpretar é executar uma composição contando com a participação expressiva do intérprete (BRASIL, 1998, p.57).

Em quaisquer desses momentos, a criança atua como sujeito ativo, construtor de conhecimentos.

O fazer musical proposto pelo *Projeto Lá Si Fa_z Música* buscava a ampliação das possibilidades sonoras nas diversas partes do corpo: estalos de língua com suas variações, boca chiosa, sons produzidos com percussão da mão na extensão da face, mão com mão, mãos percutidas no peito, pernas, barriga, cabeça, pés batidos no chão etc.

Formação Musical: uma experiência com educadores da rede pública municipal de Jundiaí.	Jaqueline Ribeiro.
--	--------------------

Os instrumentos musicais eram, inicialmente, explorados livremente, com o mesmo princípio de descoberta das possibilidades sonoras, para depois serem utilizados como extensão do corpo durante as canções e as criações. Para o desenvolvimento, eram utilizadas duas Músicas.

As formadoras traziam várias sugestões de trabalho, dentre as quais os professores escolhiam e ampliavam suas possibilidades pensando na execução junto às crianças, adaptando as propostas de acordo com o perfil de sua turma. As brincadeiras e as histórias também eram muito utilizadas nesta etapa, como meio para as construções e as explorações musicais.

A terceira e última etapa do momento musical era o **relaxamento**, nome atribuído ao momento usado para promover a volta à calma, depois de toda a movimentação do corpo e a exploração dos sons, vivenciadas na etapa do desenvolvimento.

A professora colocava uma canção de ninar, ou Música com sons da natureza ou outra composição mais suave.

As crianças se deitavam sobre os colchonetes e recebiam carinho das professoras e dos próprios amigos enquanto escutavam a Música. As formadoras traziam sugestões de propostas para esta etapa, tais como: acariciar as crianças com tecidos passados suavemente sobre seus corpos; solicitar que fechassem os olhos e se movimentassem pelo espaço da sala tocando instrumentos e materiais sonoros como pau-de-chuva, molho de chaves, carrilhão, *oceandrum* etc.; solicitar que as crianças deitassem de bruço e passar bolinhas ou massageadores em suas costas; envolver a participação das próprias crianças acariciando seus amigos etc.

Formação Musical: uma experiência com educadores da rede pública municipal de Jundiaí.	Jaqueline Ribeiro.
--	--------------------

Para alguns profissionais, a questão do relaxamento e do toque ainda é algo desafiador, porque nem todas as pessoas se sentem a vontade para estabelecer contato com os outros. Todavia, são nítidos os resultados com as crianças no que tange ao estabelecimento de vínculo e afetividade mediante esses atos.

À medida que adultos e as crianças se permitem o toque, novas relações de afeto são construídas.

Essa era uma das propostas desse momento:

Tocar o outro, na dimensão do corpo e do afeto, ampliando as comunicações verbais e não verbais, possibilita o autoconhecimento, a percepção do outro e o reconhecimento de como cada sujeito se encontra entrelaçado nesta rede de relações. Nesta dinâmica relacional, inevitavelmente, estes diversos outros se movimentam, aproximam-se, afastam-se; diferenciam-se em idades, funções, maturidades, estilos de sentir e de viver nos diferentes ciclos existenciais (OLIVEIRA, 2009, p.106).

Assim era concluído o *momento musical* e, de forma suave, as crianças retomavam outras atividades do ambiente escolar.

O **Texto de Apoio** era Material de Consulta para ampliar o conhecimento sobre termos musicais. Trazia explicações sobre a respiração e a emissão vocal, cuidados necessários com a voz, postura para o canto; explicações sobre fontes sonoras, nomes de instrumentos utilizados no Projeto etc. Também era espaço para que os professores colocassem suas dúvidas ou curiosidades sobre o assunto.

No Projeto, o item **Avaliação** assumia caráter de acompanhamento da construção do conhecimento. Tomava-se cuidado para que a Ética sempre permeasse as ações, criando espaços de parceria, e não de julgamento.

Formação Musical: uma experiência com educadores da rede pública municipal de Jundiaí.	Jaqueline Ribeiro.
--	--------------------

As estratégias utilizadas na formação eram: dinâmicas, nas quais cada professor dizia uma palavra que sintetizasse o que foi o encontro de formação; **criação de frase em grupo** sintetizando a aprendizagem do dia; escrita por grupo de Escolas sobre as dificuldades e facilidades encontradas ao executar o momento musical na Escola; escrita individual sobre a percepção dos benefícios da Música para sua vida e escrita individual sobre as contribuições do Projeto *Lá Si Fa_z Música*, entre outras.

O ato de avaliar possibilita ao avaliado a retomada da vivência, elaborando significados e trazendo para si a consciência do que foi construído. Concomitantemente, o avaliador fornece pistas sobre qual direção tomar para atingir os objetivos propostos.

O próprio planejamento pode ser entendido como uma avaliação inicial, vez que considera: Quem são as pessoas envolvidas na formação? Quais os conhecimentos prévios delas? O que deseja atingir com elas? Quais conteúdos selecionará para atingir tais objetivos? Como fará? Com quais estratégias tornará significativo e possibilitará aprendizagens?

Todos esses questionamentos fazem parte da avaliação.

Avaliar é um ato permanente em nossa vida! E, na cultura escolar, implica tomada de posições.

Outras ações também realizadas pelo Projeto, mas fora do âmbito das formações, foram: visitas das coordenadoras para atuação junto às crianças, coleta de vídeos, visita mediante convite das unidades para apreciar aulas abertas aos pais e participação no Congresso da Organização Mundial para Educação

Formação Musical: uma experiência com educadores da rede pública municipal de Jundiaí.	Jaqueline Ribeiro.
--	--------------------

Pré-Escolar (OMEP), para socialização do trabalho de formação representando a Prefeitura Municipal de Jundiaí.

2 AVALIAÇÃO DAS FORMAÇÕES

Para acompanhar o andamento do Projeto e planejar novas ações ao longo das formações, eram necessários instrumentos avaliativos para que os dados fossem evidenciados.

Na perspectiva da formadora, os instrumentos utilizados eram: Tabelas sobre a execução do momento musical, preenchidas pela formadora a partir dos relatos; avaliações dos professores, realizadas em cada encontro de formação e relatório semestral sobre o Projeto, para o acompanhamento da Diretoria de Educação.

As Tabelas eram preenchidas a partir das falas dos professores e ADIs sobre a execução do momento musical. As formadoras estruturavam a Tabela separando-as por faixa etária das crianças, ou seja, profissionais que atuavam com Berçário, G1, G2 e G3, e anotavam as dificuldades e as facilidades relatadas.

A partir de então, a formadora já fazia intervenções em tempo real e anotava suas orientações e pontos relevantes para a próxima formação.

Nesse mesmo instante, outros educadores contavam o que haviam feito para resolver possíveis problemas e traziam novos olhares e soluções para dificuldades apontadas.

Já as avaliações e análises, escritas pelos próprios professores, forneciam dados complementares sobre o trabalho pedagógico desenvolvido na Escola e

Formação Musical: uma experiência com educadores da rede pública municipal de Jundiaí.	Jaqueline Ribeiro.
--	--------------------

também sinalizavam a proximidade ou não com o fazer musical dos educadores, numa perspectiva pessoal.

Os relatórios escritos pelas formadoras para a Diretoria de Educação traziam os avanços de cada Unidade escolar, considerando pontos conquistados, disponibilidade para a execução do Projeto e também desafios para as formadoras nas próximas etapas de formação.

Sob a perspectiva de pesquisadora, os instrumentos avaliativos eram: pauta de observação e caderno de campo.

Em cada um dos encontros de formação, eram observados os seguintes itens: proximidade do profissional com a Música (Avaliação Diagnóstica); desenvolvimento da musicalidade proporcionado pela formação (Avaliação Formativa); disponibilidade e execução das propostas junto aos alunos na Unidade escolar, além de mudanças percebidas pelos educadores no ambiente escolar (Avaliação Somativa).

Os tipos de avaliação mencionados acima: diagnóstica, formativa e somativa, possibilitavam um mapeamento das reais necessidades e sinalizavam novas ações.

De acordo com Hoffmann, a avaliação é:

[...] uma ação ampla que abrange o cotidiano do fazer pedagógico e cuja energia faz pulsar o planejamento, a proposta pedagógica e a relação entre todos os elementos da ação educativa. Basta pensar que avaliar é agir com base na compreensão do outro, para se entender que ela nutre de forma vigorosa todo o trabalho educativo. Assim, sem uma reflexão dos valores éticos sobre a avaliação, é possível “perder os rumos do caminho, a energia, o vigor dos passos em termos da melhoria do processo” (HOFFMANN, 2008, p. 17).

Formação Musical: uma experiência com educadores da rede pública municipal de Jundiaí.	Jaqueline Ribeiro.
--	--------------------

O caderno de campo trazia as reflexões da pesquisadora com base na pauta de observação e também a partir dos depoimentos por escrito dos profissionais acerca do Projeto de formação.

2.1 A formação sob a perspectiva dos educadores

O processo de formação nem sempre é visto com bons olhos, ao menos inicialmente, pelos educadores. Talvez porque nem todos os temas de formações tenham assumido o papel de potencializar a transformação, causando certo descrédito ou, ainda, por não ser tão motivador ou significativo para o profissional.

Os registros da pesquisadora sobre o primeiro dia de formação revelam como, inicialmente, um dos grupos da formação *in loco* estava apreensivo:

Houve grande envolvimento da equipe durante a formação. Na avaliação surgiu o comentário: “Viemos armados, pensando o que será que a prefeitura quer agora (...) e no decorrer do encontro ficamos totalmente desarmados e encantados”. Saíram do encontro vibrantes! (Caderno de Campo, 12/05/2011).

A motivação é essencial. É o primeiro passo para a realização do trabalho, independente da área de atuação. Nessa perspectiva, as estratégias empregadas pelo formador são decisivas para o envolvimento do grupo.

Para muitos educadores, realizar um trabalho musical significava tarefa extremamente difícil. A maioria trazia a queixa de não ter formação específica, além da ausência de práticas musicais em sua própria experiência escolar e, para alguns, esse distanciamento da Música ainda existia.

Formação Musical: uma experiência com educadores da rede pública municipal de Jundiaí.	Jaqueline Ribeiro.
--	--------------------

O processo de formação motivou a percepção e a retomada de experiências como indivíduo em formação e remeteu às lembranças da Escola na época em que eram os alunos e fomentaram o desejo de mudança para uma atuação pedagógica:

O Projeto *Lá Si Fa, Música* trouxe grande contribuição para o ensino da Música em nossa escola, enriquecendo a prática das professoras e despertando o interesse em trabalhar a emoção, a sensibilidade, a escuta, a imitação, o improviso, a fala, o sentimento! Todo o conteúdo trabalhado nas formações acrescentou muito ao nosso repertório, tão restrito – fruto da pouca formação musical em nossa infância – Muito obrigada pelo crescimento proporcionado! (relato da coordenadora pedagógica Cinthia Rizzato Polonio – Emeb Prof.^a Ap. Bernardi do Amaral – Jundiaí – SP).

Surgiu a descoberta de que Música envolve muito mais do que termos específicos. O cenário da Escola regular encontra no trabalho com Música, entre outras coisas, rico espaço para o desenvolvimento da escuta, a partir da apreciação e da criação musical.

Perpassa a sensibilidade e a emoção porque, inevitavelmente, a Música transcende e desperta em cada indivíduo reações e sensações diferenciadas, conectadas com suas experiências e anseios.

A partir do momento em que se compreende a importância do trabalho musical e a abrangência da Música como Disciplina, desperta-se a responsabilidade na busca da qualificação da ação.

Os profissionais envolvidos viram na formação um meio de ampliação de repertório e um espaço de construção no qual eram discutidas e compartilhadas possibilidades de trabalho:

Formação Musical: uma experiência com educadores da rede pública municipal de Jundiaí.	Jaqueline Ribeiro.
--	--------------------

Desde o ano passado (2011) tenho participado das formações e vejo que a cada encontro tenho aprendido sobre Música e como trabalhá-la em sala de aula. A medida que aprendo, tenho maior segurança e conhecimentos para ensinar (Prof.^a Denise S. Vieira Nicolau – EMEB Prof.^a Maria Lúcia M. Klinke – Jundiaí-SP).

O Projeto *Lá Si Faz Música* enriqueceu o trabalho realizado com a Música na nossa escola. Hoje, percebo que os professores que participaram das formações realizam seu trabalho com mais confiança e principalmente valorizam o trabalho com a Música. O Projeto contribuiu para que a nossa escola seja mais feliz entendendo e fazendo Música (Coord. Elaine C. Sanches Zillo – EMEB Ver. João Batista Toledo – Jundiaí-SP).

Nesses depoimentos, verifica-se a percepção de que o Projeto *Lá Si Faz Música* trouxe enriquecimento para a prática pedagógica e segurança para executá-la.

A formação assegurava ao professor a parceria. As formadoras não entregavam receitas, mas incentivavam a prática e a reflexão para o desenvolvimento do fazer musical numa perspectiva educativa.

Outro ponto mencionado no relato dos educadores é o diálogo entre teoria e prática.

Pimenta e Anastasiou salientam essa interface:

[...] O professor pode produzir conhecimento a partir da prática, desde que na investigação reflita intencionalmente sobre ela, problematizando os resultados obtidos com o suporte da teoria. E, portanto, como pesquisador de sua própria prática (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002, p. 43).

Em cada encontro, a oficina de experimentação materializava a discussão presente no texto de apoio e, a partir da vivência das práticas, a fundamentação era interiorizada:

Formação Musical: uma experiência com educadores da rede pública municipal de Jundiaí.	Jaqueline Ribeiro.
--	--------------------

É um Projeto muito bom, apresenta a prática e a fundamentação e se preocupa que os professores vivenciem as atividades para aplicar com os alunos. Deixou-me mais confiante em trabalhar Música com as crianças principalmente em relação ao uso dos instrumentos. O material de apoio é ótimo (Prof.^a Lúcia Viana Botelho Chaves – EMEB Prof. Dina R. Z. Cunningham – Jundiaí-SP).

O uso do instrumento é sempre muito desafiador. O aparente “barulho” era relatado nas formações como um grande incômodo. O ambiente escolar é alvo de grande poluição sonora. É frequente a disputa de volume entre vozes de alunos e professores.

Neste contexto já desgastante, o uso do instrumento musical exige clareza do objetivo por parte do educador e a estruturação de combinados para que a escuta e a descoberta sejam favorecidas.

As formações traziam estratégias para o uso dos instrumentos e, por meio de brincadeiras, eram construídas regras com os alunos e conscientizada a importância da escuta para o bem-estar de todos e como essencial para a aprendizagem.

Tanto a descoberta individual do som quanto construções coletivas exigiam organização e escuta. O nome dos instrumentos também era trabalhado, além de possibilidades de exploração dos sons.

O reconhecimento da voz como instrumento também foi uma descoberta interessante nas formações. Se Música é algo a ser construído, a voz também é objeto que precisa ser explorado e desenvolvido.

A vergonha de cantar diante dos outros aos poucos foi minimizada, dando espaço para tentativas e aumento da autoestima, gerando novos estímulos para se expressar.

Formação Musical: uma experiência com educadores da rede pública municipal de Jundiaí.	Jaqueline Ribeiro.
--	--------------------

Da mesma forma, surpreenderam-se com a espontaneidade das crianças quando fazem Música e com o envolvimento, inclusive dos mais tímidos:

“As crianças tímidas também cantam!” surpresa da educadora ao perceber que uma das crianças que sempre se mantinha calada, participava com entusiasmo dos momentos de Música e se expressava sem barreiras. Às vezes, é preciso oferecer situações diversificadas para que a criança tenha a oportunidade de se expressar. A Música certamente é uma dessas possibilidades (Caderno de campo, 14/05/2012).

A consciência sobre a importância da Música possibilitou reflexão mais profunda acerca da complexidade dela em termos de ampliação cultural.

A criança canta aquilo a que tem acesso e as mídias veiculam o que é lucrativo para a indústria fonográfica. O que está em questão nem sempre é o cuidado com a ampliação cultural, e o papel da Escola é justamente nutrir nossos alunos.

Teca Alencar de Brito (2003) ressalta a importância do contato com Músicas de variados estilos e tradições culturais nesse processo de ampliação:

As muitas Músicas da Música – o samba ou o maracatu brasileiros, o blues e o jazz norte-americano, a valsa, o rap, a sinfonia clássica europeia, o canto gregoriano medieval, o canto dos monges budistas, a Música concreta, a Música aleatória, a Música da cultura infantil, entre muitas outras possibilidades – são expressões sonoras que refletem a consciência, o modo de perceber, pensar e sentir de indivíduos, comunidades, culturas e, de igual modo, explorar, criar e ampliar os caminhos e os recursos para o fazer musical. Como uma das formas de representação simbólica do mundo, a Música, em sua diversidade e riqueza, permite-nos conhecer melhor a nós mesmos e ao outro – próximo ou distante (BRITO, 2003, p. 28).

Todos os estilos têm seu valor; todavia, a criança só poderá analisar e escolher o que lhe agrada a partir do momento que conhecer cada um deles.

Formação Musical: uma experiência com educadores da rede pública municipal de Jundiaí.	Jaqueline Ribeiro.
--	--------------------

Esse acesso é fundamental desde a mais tenra idade:

Muitas foram as contribuições para a minha prática pedagógica, mas a principal foi a amostra de possibilidades do trabalho com Música. Proporcionar o contato e a apreciação musical desde cedo é essencial para uma ampliação cultural dos alunos (Coord. Cibele Silva Rizatto – EMEB Iracy Ferreira Bueno – Jundiaí-SP).

Essa ampliação cultural proporcionada pela Escola abrange desde a equipe diretiva até professores, agentes de desenvolvimento infantil e demais funcionários, e ultrapassa os muros escolares, chegando aos familiares:

Gostei muito de trabalhar com o Projeto. Iniciei no ano passado (2011) e percebi que teve muito mais avanços por parte dos alunos neste ano, que trabalhei desde a primeira semana de aula. Tive a oportunidade de fazer uma aula com a participação dos pais, e eles apreciaram muito. Em nossa escola, musicalização fez parte do Projeto da unidade e todas as professoras (G4 e G5) também colocaram em prática o Projeto *Lá Si Fa, Música*. Minha sugestão é que para o próximo ano, todos da educação infantil, possam participar dos encontros (Prof.^a Mariana Nascimento – MEB Vereador José Pedro Raimundo – Jundiaí-SP).

Todo trabalho realizado na Escola tem proporções imensuráveis. As crianças compartilham suas aprendizagens a cada dia. A família participativa logo é tomada pela curiosidade e também se envolve no grande jogo do aprender e construir novos significados.

Iniciativas como as relatadas acima, de socialização do trabalho na própria Escola e para aos pais, revelam o comprometimento de todos nesse processo de transformação e evidenciam, também, que a formação foi significativa e propulsora para os resultados.

Formação Musical: uma experiência com educadores da rede pública municipal de Jundiaí.	Jaqueline Ribeiro.
--	--------------------

2.2 A formação sob a perspectiva dos formadores

O conceito de formação deriva da palavra latina *formatio*, que se refere à ação ou efeito de formar ou de se formar, ou seja, dar forma, constituir algo.

Transpondo para o cenário da Educação, além do caráter de transformação, intrinsecamente está o direito dos professores e, concomitantemente, o direito da população para que exista uma educação de qualidade.

As formações do *La Si Fa_z Música* foram planejadas com o grande objetivo de ressignificar o papel da Música no cenário da Educação Infantil. Para isso, primeiramente, era preciso **sensibilizar** os educadores sobre a importância da Música para a condição humana, fazê-los revisitar suas experiências musicais e ajudá-los a perceber que continuamente estamos desenvolvendo a musicalidade.

Teca Alencar de Brito destaca:

Longe da concepção europeia do século passado, que selecionava “talentos naturais”, é preciso lembrar que Música é linguagem cujo conhecimento se constrói com base em vivências e reflexões orientadas. Desse modo todos devem ter o direito de cantar, ainda que desafinando! Todos devem poder tocar um instrumento, ainda que não tenham, naturalmente, um senso rítmico fluente e equilibrado, pois as competências musicais desenvolvem-se com a prática regular e orientada, em contextos de respeito, valorização e estímulo a cada aluno, por meio de propostas que consideram todo o processo de trabalho, e não apenas o produto final (BRITO, 2003, p. 53).

Assim, torna-se claro que Música não é só para alguns. É linguagem, forma de expressão, que deve ser oportunizada a todos. Por meio de dinâmicas, as pessoas experimentavam o que a Música suscitava em seu interior e, aos poucos, as resistências eram deixadas de lado.

Formação Musical: uma experiência com educadores da rede pública municipal de Jundiaí.	Jaqueline Ribeiro.
--	--------------------

O próximo passo foi fundamentar a importância do trabalho musical com as crianças para **motivar** a ação dos educadores. A partir do momento em que os profissionais da Educação recebiam fundamentação teórica sobre a área musical, promoviam mudanças no âmbito pessoal, permitiam-se avançar nas experiências musicais e também ofereciam essa oportunidade às crianças que lhes eram confiadas.

Ampliavam o olhar sobre a capacidade dos alunos e despendiam maior atenção na tentativa de não apenas oferecer Músicas de forma mecânica, mas propostas em que as crianças pudessem criar e se expressar musicalmente.

Os encontros de formação **repertoriavam** os educadores, estimulavam a reflexão sobre a qualidade das Músicas oferecidas e, ainda, eram oficinas de experimentação, alinhando teoria e prática.

A seleção das Músicas oferecidas às crianças deve ser criteriosa, como aponta o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil:

Há que se tomar cuidado para não limitar o contato das crianças com o repertório dito “infantil” que é, muitas vezes, estereotipado e, não raro, o mais inadequado. As canções veiculadas pela mídia, produzidas pela indústria cultural, pouco enriquecem o conhecimento das crianças. Com arranjos padronizados, geralmente executados por instrumentos eletrônicos, limitam o acesso a um universo musical mais rico e abrangente que pode incluir uma variedade de gêneros, estilos e ritmos regionais, nacionais e internacionais (BRASIL, 1996, p. 65).

Isso ressalta o papel da Escola como espaço para a ampliação cultural, oportunidade de acesso à cultura, reflexão e desenvolvimento da criticidade.

A partir da vivência das propostas musicais, instaurava-se maior segurança e a certeza de que o trabalho era realizado em **parceria**.

Formação Musical: uma experiência com educadores da rede pública municipal de Jundiaí.	Jaqueline Ribeiro.
--	--------------------

Uma das estratégias que possibilitaram maior comprometimento do grupo foi a realização da devolutiva do trabalho, momento inicial do encontro, no qual eram relatadas as práticas musicais realizadas nas Escolas. Neste instante, eram verbalizados avanços e dificuldades, considerando as reações das crianças.

Também era possível perceber ansiedades, inseguranças e ou seguranças do educador diante da proposta. Todas as impressões sobre a fala dos professores eram registradas pela formadora nas Tabelas de formação e no Caderno de Campo, para subsidiar futuras ações.

Após a escuta atenta, eram valorizadas as ações realizadas e já eram propostas novas sugestões pontuais para a dificuldade apresentada, lançando novos desafios. O que dava certo numa turma, nem sempre funcionava na outra, justamente porque somos seres humanos, dotados de particularidades, o que em contrapartida torna as interações mais ricas:

Há uma força produtiva, uma potência de invenção que cumpre à Música na educação escolar não deixar esvair-se. Música não é só lugar do exercício de reconhecimento (busca de estruturas estáveis, espaço descalçado, lugar de medidas e propriedades, nomes e taxionomias), mas sobretudo experiência de problematização e invenção, lugar de conhecimento decorrente da imersão em um corpo-Música, quando uma potência expressiva se cola a uma potência explicativa, sempre em uma produção de ordenações provisórias, referidas a elementos materiais imanentes (SESC DEPARTAMENTO NACIONAL, 2015, p. 52).

Por meio dessas controvérsias, era possível perceber que, além de questões da área musical, fundamentalmente, faziam-se presentes questões pedagógicas.

Formação Musical: uma experiência com educadores da rede pública municipal de Jundiaí.	Jaqueline Ribeiro.
--	--------------------

Eram encaminhadas reflexões sobre as concepções de ensino e de infância dos educadores. Aquele espaço se constituía num grande laboratório, com experiências de todos os educadores, baseadas nas mais diferentes realidades compreendidas no município que eram refletidas e somadas à prática de cada participante:

Os professores não alteram e não devem alterar suas práticas apenas porque uma diretriz lhes é apresentada, e eles se sentem forçados a cumpri-las. Eles não podem evocar novas práticas a partir de nada ou transpô-las de imediato do livro didático para a sala de aula. Os profissionais necessitam de chances para experimentar a observação, a modelagem, o treinamento, a instrução individual, a prática e o feedback, a fim de que tenham a possibilidade de desenvolver novas habilidades e de torná-las uma parte integrante de suas rotinas de sala de aula (HARGREAVES, 2002, p.114).

Com o passar do tempo, ao longo das formações, foi possível visualizar o encantamento dos educadores diante dos resultados das propostas musicais.

Os resultados eram visíveis na ação das crianças, no fortalecimento da turma de alunos e se expandiam para todo o espaço da Escola.

Música aproxima naturalmente as pessoas. Somos seres musicais e, portanto, não poderíamos ficar indiferentes a ela.

A Música pode nos tocar positiva ou negativamente, dependendo da relação que com ela estabelecemos, mas, inevitavelmente, ela nos toca.

À medida que a Música ganhou espaço nas escolas, os profissionais perceberam a preciosidade e o poder de suas intervenções, gerando, concomitantemente a elevação da autoestima.

Formação Musical: uma experiência com educadores da rede pública municipal de Jundiaí.	Jaqueline Ribeiro.
--	--------------------

Criança é sujeito ativo na construção do conhecimento, e o professor é peça fundamental para oportunizar situações e intervenções propícias ao desenvolvimento. A qualidade de seu planejamento tem grande impacto nos resultados em todas as áreas do conhecimento, inclusive na Música.

Nesse contexto de formação, a atuação vivenciada pelos educadores e a motivação eram constantemente renovadas e o Projeto *Lá Si Fa_z Música* assumia o caráter de grande parceiro para o crescimento de todos os envolvidos: formadores, educadores e crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na experiência do Projeto *Lá Si Fa_z Música*, o grande diferencial para o planejamento dessas ações residiu na formação continuada realizada com os educadores.

Vale ressaltar que cada educador avançou de acordo com suas possibilidades. A formação continuada não resolve todos os problemas existentes, mas o foco é promover a tomada de consciência da dificuldade e despertar o desejo de mudança.

Assim acontece em todas as áreas, e com a Música não poderia ser diferente. Certamente, cada um deu o que tinha de melhor para o momento e poderá sempre melhorar à medida que adquirir segurança e continuar refletindo sobre a prática.

Sem a formação, não há parada para a reflexão e tampouco há a instrumentalização para uma nova prática. Tudo que é novo gera ansiedade e, por

Formação Musical: uma experiência com educadores da rede pública municipal de Jundiaí.	Jaqueline Ribeiro.
--	--------------------

vezes, certa resistência. Desenvolver um trabalho musical, para quem não tem essa formação específica, não é tarefa simples.

Todavia, se considerarmos o objetivo da Educação Musical na Escola Pública, verificaremos que incidem nos aspectos de criação, apreciação e fazer musical.

A Lei 11.769/2008 não exige que esse trabalho seja desenvolvido por especialista em Música. Talvez, nesse momento, esta seja uma oportunidade para que os professores polivalentes estreitem laços com a Música e se permitam avançar na musicalidade, rompendo paradigmas de que Música é dom apenas para alguns.

O Projeto Lá Si Fa_z Música teve duração de dois anos e atingiu grande aceitabilidade no município de Jundiaí, obtendo avaliação “ótimo” de 90% dos envolvidos nas formações.

Ele foi interrompido por questões políticas, mudanças de governo em período de eleições. Infelizmente, essa é uma prática recorrente em nosso país e grande dificultadora para a qualidade da Educação. Todavia, pode-se afirmar que as ações do Projeto instigaram as Escolas Municipais de Jundiaí a ressignificar o papel da Música.

Uma vez inserida tal discussão, fomentou-se o desejo da mudança e a reflexão sobre o fazer musical.

Assim, entende-se que a principal finalidade da formação foi atingida.

Formação Musical: uma experiência com educadores da rede pública municipal de Jundiaí.	Jaqueline Ribeiro.
--	--------------------

REFERÊNCIAS

ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas). **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica**. Brasília: MEC/ SEB/ DICEI, 2013.

_____. **Lei nº 11.769**, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da Música na educação básica. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/lei/L11769.htm>. Acesso em: 7 set. 2013.

_____. **Lei nº 5692**, de 11 de agosto de 1971. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm>. Acesso em: 7 set. 2013.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Despachos do Presidente da República. **Mensagem nº 622**, de 18 de agosto de 2008. Diário Oficial [da União], Brasília, DF, 19 de agosto de 2008, nº 159, seção 1, p. 3, 2008b.

_____. **Lei nº 9394**, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 7 set. 2013.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação Infantil: proposta para a formação integral da criança**. São Paulo: Peiropolis, 2003.

Formação Musical: uma experiência com educadores da rede pública municipal de Jundiaí.	Jaqueline Ribeiro.
--	--------------------

COLL, César. Psicologia e currículo. Barcelona. 2.ed. São Paulo: Ática, 1997.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio-Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

ESPERIDIÃO, Neide. Educação musical e formação de professores: suíte e variações sobre o tema. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-13122011-120824/>>. Acesso em: 17 mai. 2014.

ESTEBAN, Maria Paz Sandín. **Pesquisa Qualitativa em educação**: fundamentos e tradições. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FERES, Josette Silveira Mello. Bebê, Música e movimento: orientação para musicalização infantil. Jundiaí, SP: J. S. M. Feres, 1998.

FONTEERRADA, Marisa Trench Oliveira. **De tramas e fios**: um ensaio sobre Música e educação. São Paulo: UNESP, 2005.

HARGREAVES, A. **Aprendendo a mudar**: o ensino para além dos conteúdos e da padronização. Porto Alegre: Artmed, 2002.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover**: as setas do caminho. Porto Alegre: Mediação, 2008.

ILARI, Beatriz Senoi (org). **Em busca da mente musical**: ensaios sobre os processos cognitivos em Música – da percepção à produção. Curitiba: UFPR, 2006.

_____. **Música na infância e na adolescência**: um livro para pais, professores e aficionados. Curitiba: Intersaberes, 2013. (Série Educação Musical)

IMBERNÓN, F. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

KATER, Carlos. “Por que ensinar Música na escola? algumas reflexões”. In: JORDÃO, Gisele *et al.* **A Música na escola**. São Paulo: Allucci e Associados Comunicações, 2012.

Formação Musical: uma experiência com educadores da rede pública municipal de Jundiaí.	Jaqueline Ribeiro.
--	--------------------

KRAMER, Sonia. **Profissionais de Educação Infantil: gestão e formação**. São Paulo: Ática, 2005.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

OLIVEIRA, Rosmari Pereira de. **Tocar e trocar... o corpo, o afeto, a aprendizagem: uma experiência de formação continuada em um Centro de Educação Infantil**, **Constr. psicopedag.** [online], v.17, n.15, p. 91-110, 2009.

PENNA, Maura. **Música(s) e seu ensino**. 2.ed.rev.ampl. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PIMENTA, Selma G.; ANASTASIOU, Lea das Graças Camargo. **Docência no Ensino Superior**. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Docência em Formação)

PUEBLA, Reynaldo. **Expressão cênica para o canto coral**. São Paulo: Trampo Inovações e Marketing, 2017.

SESC DEPARTAMENTO NACIONAL. **Música na escola: caminhos e possibilidades na educação básica**. Rio de Janeiro: SESC, Departamento Nacional, 2015. (Educação em Rede. v.4)